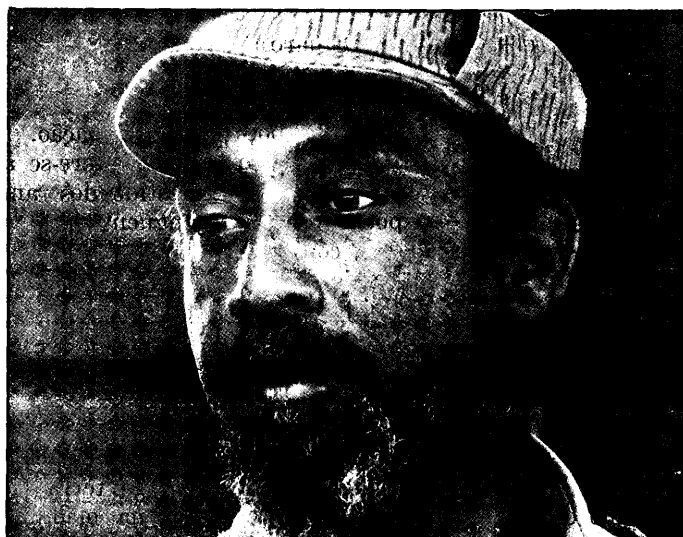


“A Independência vai para além do meu canto”

● **Marcelino dos Santos**
fala do seu livro

Não deixa de ser um risco publicar, por assim dizer, em «fascículos», aquilo que foi uma entrevista/conversa desdobrada ao longo de vários dias com Marcelino dos Santos. Mas a contingência de já fora das rotativas estarem os primeiríssimos primeiros exemplares do «Canto do Amor Natural» como que nos defendem e justificam de, nesta Gazeta, reiniciarmos em mais um «fascículo» como forma de assinalar a obra. Depois, a voz de um poeta e insubstituível. E estamos justificados.



PREGUNTA — O livro chama-se «CANTO DO AMOR NATURAL». São trinta anos de poesia. É uma súmula? Ou considera que disse tudo?

RESPOSTA — Felizmente que não... Parar é morrer. Eu realmente penso que este livro deveria conter somente aqueles poemas feitos até à independência. Não pode de forma alguma ser uma súmula da vida sobretudo se se entende como súmula da vida até à independência. Como disse a árvore da independência nacional se planta nos caminhos da liberdade. Mas a liberdade não é uma coisa estática, é preciso permanentemente edificá-la, para ela permanecer liberdade.

Ela precisa de constantemente crescer para permanecer liberdade. Isto aqui quer dizer que sim!... liberdade, marco de fundo, independência nacional. Logo que a independência nacional é proclamada, se proclama também a República Popular de Moçambique.

Para a liberdade continuar a ser liberdade temos de construir a sociedade socialista. Portanto neste sentido o meu canto não pode ser uma súmula... Bom é uma etapa, mas temos que continuar a construir a liberdade o que significa que temos de edificar a pátria socialista.

P: — Acredita que 10 anos de independência confirmam o seu canto?

R: — Eu quero dizer que confirmam plenamente pois a independência vai para além do meu canto. O que é que cada um de nós queria quando estava a lutar? Não era ser filho da pátria? E isso defende-se. Agora quando dizemos filho da pátria falamos de uma pátria efetivamente popular...

Mas era preciso também este canto para nós chegarmos a isto, ou melhor, para eu chegar a este momento. Construímos a pátria, agora vamos manter-nos aqui muito activos no processo da sua consolidação com tudo aquilo que às vezes se diz que é arriscado, as dificuldades, etc. Portanto confirma e vai para além e

ao dizer que vai para além eu penso que não estou a diminuir o valor que o meu canto possa ter. Estou, antes pelo contrário, a dar-lhe maior riqueza. Porque é como a gente diz: Nós quando temos os nossos filhos, nós não queremos só que eles sejam como nós, queremos que sejam como nós e nos ultrapassem. O nosso desejo é que aquilo que será amanhã seja sempre mais do que nós... O nosso canto foi capaz de eriar raízes, de eriar mecanismos que levaram a nossa pátria para além do canto de próprio.

(Excerto da entrevista conduzida por Gulamo Khan)

Uma leitura avulso

Trinta anos depois dos primeiros versos publicados nas páginas do jornal «O Brado Africano», Marcelino dos Santos estreia-se em livro com

«Canto do Amor Natural», na colecção «Timbila» da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Com poemas avulsos lidos em reci-

tais, registados em livros escolares, correndo as páginas dos jornais do mundo — e obra impressa em outras línguas que não o português — há muito que se fazia sentir a reunião do corpus poético daquele que sucessivamente assinou com os pseudónimos de Liliho Micaia, Kalungano e agora, aberta e livremente na sua terra, com o seu próprio nome.

São 45 poemas, desde o Eluardiano, texto que dá o título à colectânea — mensagem de denúncia e sofrido amor no exílio parisiense — aos poemas-panfletos escritos já durante o período da luta armada de libertação nacional. Nenhum poema pós-independência aqui se reúne, constatação que não significará mais do que um pessoalíssimo critério que só ao autor diz respeito.

Se há um dado constante no trabalho literário de Marcelino dos Santos é o da aproximação com o seu país, ainda quando canta a diáspora de um «destino negro» que o escravismo e a aventura colonial impuseram; aproximação/identidade que se consubstancia na palavra/corpo, livre e inviolável, da Mãe. «No lento balancear/Das palmeiras/Torcendo-se em movimentos melancólicos/ /Eu canto-te o meu amor» escreve Kalungano, desde logo anunciando aquilo que é, sem dúvida, o seu «verbo-criador-do-mundo». Uma aproximação/identidade também a afirmar

— não obstante o intertexto de tantas outras vozes poéticas com as quais terá experimentado algum tipo de afinidade — os nomes que em Moçambique são vivências, são tipos humanos, são Cultura e são História. E eles inscrevem-se nos poemas e são manguieiras e cajueiros, e são magaiças e xiricos, etc.

Quando se espraia, depois, pelo oceano da dor imposta ao seu povo, é para lhe desmontar os mecanismos da dominação. No poema «Dor» o poeta refere-se à vida como a terra «vestida/dos andrajos/dos dias ensanguentados» para logo acrescentar que «nem tudo está perdido» e que «estamos juntos», assumindo-se como voz colectiva de um destino a superar.

Há uma insistência digamos que «eromática», evoluindo da pele do corpo para a fruição/libertação num arco-íris que é da natureza, no espaço da terra que se conquista de armas na mão. «Mãe negra/embala o seu filho/E na sua cabeça negra/ /Coberta de cabelos negros/Ela guarda sonhos maravilhosos», escreve o autor num poema anterior ao desencadeamento da luta armada. Em «NAMPALI», de 1963, Marcelino dos Santos, guerrilheiro a construir uma realidade nova, exalta as cores de uma natureza moçambicana:

«Verde carmim azul e violeta/e nós/ /marchando no planalto.» Interstícios, afinal, de uma dialéctica da libertação.

Mas não queremos nós aqui desenvolver uma crítica literária, nem fria nem totalizante. Como «impressão» de leitura, como emoção pensada, mais e maior convivência será necessária para penetrar no(s) (in)determinado(s) centro(s) deste Canto superlativamente afirmativo, prenhe de um itinerário moçambicanamente vivido, quando ele hoje é conquista de uma Pátria, depois que o poeta mergulhou na mais íntima e colectiva angústia e na deriva dela. Um poema como «Confissão», pelo inusitado e aparente «destituição do conjunto» abre-se, afinal, como pista para alguns dos alicerces daquilo que num homem, numa aventura do Homem e da Poesia, o sustenta e impele para a sua superação.

Vemos neste livro a viagem pelos lugares do mundo, como procura da uterina visão a que se regressa depois da grande aprendizagem, da sintonia com a história dos outros, que à mesma usurpação do Ser foram sujeitos, com ecos e temáticas que se podem também encontrar na poesia de um Agostinho Neto, de uma Noémia de Sousa ou de um José Craveirinha.

Obra importante para se poderem compreender as trajectórias várias da Literatura Moçambicana, este «Canto do Amor Natural» vem integrar num feixe de coordenadas maiores aquilo a que se convencionou chamar de «Poesia da Vitória», escrita pelos combatentes da FRELIMO.

Entre nós, e, no espaço desta breve notícia, cabe-nos realçar o lugar imprescindível que, como súpula agora reunida, estes poemas vão ocupar no território ainda em gestação da Literatura Moçambicana.

«Como nos enganámos fugindo ao amor!», escreveu Drummond. Marcelino dos Santos, apetece insistir, não se enganou ao conjugar Amor com Moçambique e Pátria com Revolução. Naturalmente.

Luis Carlos Patraquim

